

GAUMONT APRESENTA

« GUILLAUME GALLIENNE  
OFERECE-NOS UMA OBRA TOCANTE,  
ILUMINADA POR ADELINE D'HERMY. »

Le Parisien

« UMA HEROÍNA  
INTERESSANTE,  
VIVA E IMPREVISÍVEL. »

Libération



# Maryline

UM FILME DE GUILLAUME GALLIENNE

ADELINE D'HERMY VANESSA PARADIS ALICE POL ÉRIC RUF XAVIER BEAUVOIS

ARGUMENTO E REALIZAÇÃO GUILLAUME GALLIENNE COM LARS EIDINGER COM A PARTICIPAÇÃO DE PASCALE ARBILLOT IMAGEM CHRISTOPHE BEAUCARNE A.F.C.S.B.C. MONTAGEM VALÉRIE DESEINE DECORS SYLVIE OLVÉ A.D.C. DIREÇÃO DE PRODUÇÃO YANN ARNAUD COM RÉMY DARU PRIMEIRO ASSISTENTE DE REALIZAÇÃO RENAUD AL CAL DE CÉCILE ÉLODIE VAN BEUREN  
CASTING NATHALIE CHÉRON A.R.D.A. COORDENADORA CAROLINE DE VIVASSE MAQUILAGEM DOMINIQUE COLLADANT KAAJIE VAN DAMME CABELEIROS BONY ONDARRA PRODUZIDO POR CYRIL COLBEAU JUSTIN JEAN-BAPTISTE DUPONT SIDONIE DUMAS GUILLAUME GALLIENNE CO-PRODUZIDO POR SYLVAIN GOLDBERG SERGE DE POUCCOUES  
NADIA KHAMLICH GILLES WATERKEYN UMA COPRODUÇÃO LGM GAUMONT FRANCE 2 CINÉMA DON'T BE SHY PRODUCTIONS EM COPRODUÇÃO COM NEXUS FACTORY UMEDIA EM ASSOCIAÇÃO COM UFUNO COM A PARTICIPAÇÃO DE CANAL+ CINE+ FRANCE TÉLÉVISIONS EM ASSOCIAÇÃO COM LA BANQUE POSTALE IMAGE 10 A PLUS IMAGE 7  
SDFITVCINE 4 EM ASSOCIAÇÃO COM DEVTV CINE 3 COM A PARTICIPAÇÃO DE ENTOURAGE PICTURES COM O APOIO DE TAX SHELTER DU GOUVERNEMENT FÉDÉRAL DE BELGIQUE E DOS INVESTIDORES TAX SHELTER

WWW.LEOPARDOFILMES.COM

LGM e cinema be shi HEXUS FACTORY UMEDIA CANAL+ CINE+ francetélévisions A PLUS IMAGE 7 SDFITVCINE4 CINE+ UFUNO GAUMONT ICA INSTITUTO DO CINEMA E DO AUDIOVISUAL LEOPARDO FILMES M/14

GAUMONT FILMES

GAUMONT APRESENTA

ADELINE D'HERMY

VANESSA PARADIS

ALICE POL

ÉRIC RUF

XAVIER BEAUVOIS

LARS EIDINGER

# *Maryline*

UM FILME DE **GUILLAUME GALLIENNE**

Ano de produção: **2017**

País: **França, Bélgica**

Gênero: **Ficção**

Duração: **107 min**

TRAILER

**ESTREIA 9 AGOSTO**  
DISTRIBUIÇÃO **LEOPARDO FILMES**

**LEOPARDO**  
FILMES

## SINOPSE

Maryline, uma jovem provinciana criada numa família solitária, decide perseguir o seu sonho de se tornar actriz e muda-se para Paris. A sua evidente fragilidade, porém, não a deixa ter confiança suficiente em si mesma para triunfar, e acaba confrontada com tudo o que esta profissão e o mundo têm de humilhante, mas também de benevolente. O tempo passa, e Maryline começa a debater-se com o que realmente deseja.

TOKYO INTERNATIONAL FILM FESTIVAL 2017  
VENCEDOR DO PRÉMIO MELHOR ACTRIZ  
E PRÉMIO TOKYO GEMSTONE





## O REALIZADOR

Guillaume Gallienne revelou talento para a representação desde cedo, tendo ingressado na escola dramática parisiense Cours Florent em 1991, com apenas 19 anos. Concentrou-se de seguida no teatro - embora mantendo uma ligação paralela e quase ininterrupta ao cinema, sobretudo por via de papéis em comédias -, esforço que lhe valeu, em 1998, o estatuto de residente na prestigiada Comédie-Française. Em 2013, estreia-se na realização para cinema com *A Mamã, os Rapazes e Eu*, uma adaptação do *one man show* que concebeu em torno da sua própria vida. O filme, distinguido na Quinzena dos Realizadores de Cannes, foi um êxito comercial e crítico em França, e permitiu a Gallienne emancipar-se dos papéis cinematográficos secundários a que estava confinado. Continuando a dividir-se entre o teatro e o cinema, assina em 2017 a sua segunda longa-metragem, *Maryline*, um retrato de uma mulher humilde que sonha tornar-se atriz.

## ENTREVISTA A GUILLAUME GALLIENNE

***A Mamã, os Rapazes e Eu* narra a história subjectiva de um actor. *Maryline*, a sua segunda longa-metragem, traça a história objectiva de uma actriz. Sentiu que era necessário contar a sua própria história antes de poder escrever este filme?**

Há já quinze anos que eu queria filmar esta história. Foi-me inspirada por uma mulher que conheci e que me contou o seu percurso de vida. Guardei a sua confissão durante todo este tempo. Mas a minha memória fez outra coisa. À imagem de *A Mamã, os Rapazes e Eu*, trata-se de uma reflexão sobre o actor. Se o meu primeiro filme narra o nascimento de um actor,

*Maryline*” descreve sobretudo um percurso. Certo dia, durante a promoção de *A Mamã, os Rapazes e Eu*, uma jornalista italiana disse-me: “Creio que o seu primeiro verdadeiro filme será o próximo.” Ela não estava errada. Acontece que o sucesso da peça *A Mamã, os Rapazes e Eu* ajudou a que eu concretizasse a sua adaptação para cinema. Mas lembro-me de partilhar a história de *Maryline* com os meus produtores ainda antes disso.



## **Maryline, muito ao contrário de Guillaume [o protagonista de *A Mamã, os Rapazes e Eu*], não tem palavras para se defender.**

Foi esse aspecto que mais me tocou nesta história. Isso entristece-me. Forçosamente, quando não temos palavras para argumentar, podemos ser levados a empurrar e tocar para nos exprimirmos: a violência nasce frequentemente assim. E a Maryline manifesta a sua violência dessa forma; ela não hesita em causar um autêntico alvoroço no *plateau*! O que me sensibilizou nesta personagem foi a sua “deficiência” invisível. Todos nós temos uma. Por ser algo tão misterioso, torna-se arrebatador - precisamos de intuição para o percebermos. A Maryline tem isso: essa luz incrível, esse charme evidente, e contudo, entre aquilo que se vê e aquilo que ela realmente é, há um mundo de distância.

### **Diria que ela é inocente?**

Creio que sim. A Maryline tem em si um lado puro.

### **É uma mulher humilde, próxima da terra.**

Senti-me obcecado por essa humildade da personagem. A meu ver, a Maryline é uma heroína da modéstia, uma heroína do dia-a-dia. Faz-me pensar naquela frase de Sacha Guitry: “Não há nada mais triste que uma mulher que não sabe que estamos a olhar para ela.”

Foi também por isso que escolhi a Adeline d’Hermy para interpretar a Maryline, porque sei que ela tem essa modéstia. Mas a modéstia é como a classe: não é algo que se possa representar, ou se tem ou não se tem.

O facto de a Maryline vir da província foi igualmente importante para mim, mas sobretudo por vir de uma família que vive

com as persianas de casa fechadas.

A economia do verbo no meio em que ela cresceu torna as coisas simples.

### **Tanto que Maryline como que parece quase feita de um só bloco. Isso induz um tipo de enquadramento em que ela surge como tal.**

Começo por filmá-la apenas de frente ou de perfil, e então as coisas soltam-se. Mas ela parece, de início, ser de facto como um bloco. Isso sugere-me uma reflexão sobre a precariedade e o determinismo.

Apesar da sua economia de palavras, a Maryline é muito inteligente. Quando o realizador interpretado por Xavier Beauvois lhe pergunta: “Quer continuar?”, ela simplesmente responde: “Não o quero decepcionar”. Ela tem uma enorme lucidez.

### **De um lado ao outro da história, Maryline caminha por entre a benevolência e a crueldade.**

A crueldade foi mesmo reforçada durante a rodagem de certas cenas. Lars Eidinger, por exemplo, interpretou a sequência em que ela chora com uma violência extrema. Eu próprio fiquei apavorado! Quando ele lhe diz que a ama depois de a ter maltratado... isso é de uma grande crueldade.

Na verdade, constato o quanto a figura de Lucrecia Borgia, que eu interpretei na Comédie-Française, me influenciou neste filme. Ao corporizar toda essa crueldade e sofrimento, experienciei as agruras de ser mulher, e isso marcou-me sobremaneira. *Maryline* é também a história de uma mulher. E, de resto, adoro todas as mulheres deste filme.

### **O lado “espesso” de Maryline convoca certas tendências de encenação, como a luz, por exemplo.**



Fizemos questão que a luz estivesse equilibrada – suave e pouco contrastada, na medida em que as cores já estavam bem presentes nos *décors* e nas roupas.

**Esse tipo de luz coloca o filme a meio caminho entre a fábula e o naturalismo.**

É a minha memória que deseja isso. Assemelha-se comigo. Eu não faço documentários, faço ficção. Não coloco a verdade na história, mas sim naquilo que é oferecido. Se a oferta for verdadeira, podemos então dar-lhe a forma pretendida.

A luz que incide sobre algo existe apenas em relação ao que se sente. Sou um fã absoluto de “Elogio da Sombra”, de Junichirô Tanizaki, obra na qual se escreve que o ouro nunca é mais belo que o negro. Nesse sentido, gosto que a luz, em ficção, sirva para suscitar emoção e não naturalismo. A fazenda onde a Maryline cresceu, por exemplo, eu quis que fosse

iluminada mais como uma lembrança do que como uma realidade concreta, ao contrário da refeição no campo, que é filmada como uma cena intemporal.

**Apesar das indicações temporais, o filme não aparenta estar situado numa época específica.**

Fez-se um trabalho de fundo em torno da época em que vive Maryline. Ela nasceu em 1954, deixou a sua aldeia em 1974, e rodou um filme em 1975-76. Encontramo-la de seguida em 1983, na sua fase mais depressiva, mas a intenção não passou por delimitar os acontecimentos. O filme está estruturado como uma crónica, mas no seu âmago é um drama intemporal.

**Maryline caminha com um paradoxo às costas: foi-lhe dado um nome carregado de mitologia, mas a sua mãe rapou-lhe a cabeça quando ela era pequena...**

Sim, porque a sua mãe queria um rapaz. E, indubitavelmente, porque odeia a sua condição de mulher. Maryline é, de facto, cheia de paradoxos. Mas quem não é?

### **Ela não é também uma grande sonhadora?**

Sente-se que ela sonha, sim. Ela é também hiper-sensível. Mas acima de tudo, é misteriosa e secreta, e nunca se sabe o que vai alcançar. Será que tudo a magoa ou será ela uma pessoa forte? Pouco se sabe. Consequentemente, as pessoas não se mostram muito receptivas a interagir com a Maryline. No entanto, quando as pessoas são generosas, ela rapidamente se torna extravagante. Gosto da ideia de que todos temos o mesmo coração e que essa generosidade abre portas. É essa a chave do filme.

### **A sua estreita relação com o álcool faz dela uma personagem em fuga.**

Sim, beber como ela bebe é querer desaparecer. Há nela um desconforto que se duplica em timidez. E na timidez existe orgulho, que por sua vez está ligado ao medo. A Maryline sabe do que é capaz enquanto actriz, mas basta-lhe o facto de se sentir impotente para se querer refugiar no mutismo. É tudo ou nada. Como no *plateau*, onde ela não consegue dizer as suas falas.

### **Adeline d'Hermy encarna essa vertigem com delicadeza. Esta não foi a primeira vez que a filmou.**

Já a tinha escolhido para a adaptação de "Oblomov" que fiz para o canal Arte, e fi-lo porque já me encontrava a escrever *Maryline* com ela em mente e queria ver como corriam as coisas quando a dirigisse. Achei-a formidável, ela capta a luz de uma maneira incrível. Para além disso, aceitei contracenar com ela numa

curta-metragem, portanto houve todo um trabalho de aproximação que veio confirmar a certeza da minha escolha.

### **Por outro lado, Adeline d'Hermy é uma cara desconhecida no cinema, não tem ainda iconografia.**

Isso era importantíssimo para o papel. Eu não podia optar por alguém conhecido. Foi tão desejável a Adeline d'Hermy, porque precisava de um rosto virgem de qualquer imagem para a Maryline, como a Vanessa Paradis, porque interpreta precisamente uma estrela.

### **Vanessa Paradis impôs-se então de forma natural.**

Sem dúvida, esse papel foi escrito para ela! Queria que ela interpretasse uma estrela, que se sentisse a sua experiência, a sua feminilidade, a sua altura, de modo a que a sua horizontalidade fosse ainda mais bela e nobre. E assim se conseguiram momentos como a cena do carro, em que ela se entrega à evocação do seu desgosto amoroso. É uma actriz esmagadora.

### **A música do filme mistura violoncelo e piano, fazendo ressoar cordas vibrantes.**

Conseguimos até ouvir a respiração dos instrumentistas por breves instantes. Isto remete-nos para aquela corda vocal que vibra tão pouco na Maryline. E quando a Adeline d'Hermy fala, somos atingidos pela sua voz. Ela tem uma voz muito aguda, e eu aqui pedi-lhe para descer para os graves. É realmente uma grande actriz, que sabe trabalhar, colocar e modelar a sua voz. É também uma dançarina que se sabe movimentar muito bem. De resto, na interpretação da Adeline, podemos ver como todas as emoções da personagem permanecem bloqueadas na sua garganta.

**Maryline é também um filme que sente o cinema: sente-se a presença do colectivo, dessas forças múltiplas que gravitam em torno de uma câmara e de um projecto.**

Eu queria de facto mostrar isso, porque é impressionante. Tinha vontade de fazer ver o que é o cinema em termos concretos: a maquilhagem, os vários takes, o número de pessoas envolvidas, etc. E quando o primeiro assistente de realização, exasperado para que todos se afastem, exclama: "A Maryline está finalmente pronta, podemos filmar!", é de uma violência extrema, pois ela fica sozinha no meio de toda a gente. Quando a actriz interpretada pela Vanessa Paradis pede para todos saírem para que ela e a Maryline possam falar a sós, tomamos verdadeiramente o pulso à presença desse grupo.

É nesse momento que observamos como funciona a hierarquia da rodagem de um filme.

**Como surgiu a ideia de escolher Xavier Beauvois para o papel de um realizador?**

Era preciso um actor como o Xavier Beauvois para espicaçar a Maryline quando esta não diz nada! Foi ao escrever uma fala inspirada numa entrevista a Jean-Louis Trintignant que me lembrei dele. Quando a jornalista lhe disse que ele tinha um ar constantemente triste, Trintignant desatou a rir e respondeu de forma magistral: "Triste? Eu não sou um triste, sou um desesperado!". A partir do momento em que incorporei esta frase no guião, soube que queria filmar o Xavier Beauvois.

**Maryline é um filme atravessado por elipses. As elipses são a própria arte do cinema.**

Elas estavam escritas no guião. O som guia as elipses, frequentemente. São também feitas por semelhanças de eixos, como o paralelo entre a ferrovia e a cor. Quanto



ao ritmo induzido pelas elipses, isso já é responsabilidade da minha montadora, a Valérie Deseine.

### **Ocorreu-lhe em algum momento interpretar um papel em *Maryline*?**

Não havia qualquer papel para mim. Faltava-me a sedução imediata necessária para interpretar o primeiro realizador, e a experiência para encarnar o segundo. Quanto ao encenador, teria sido uma personagem complacente se eu a assumisse. Para além disso, o Eric Ruf tem a elegância do não-dito.

### **Sob que influência realizou este filme, que presta homenagem ao cinema e ao teatro através da trajectória desta modesta heroína?**

Sacha Guitry é uma figura tutelar. Ele trouxe imenso ao cinema e ao teatro ao misturar as duas artes, ao escolher actores de teatro para interpretarem papéis no cinema. Guitry, como Almodóvar, permitiu-me autorizar muitas coisas. Almodóvar autoriza-me a desproporção. Penso nele quando escrevo personagens como a vendedora de tabaco invulgar, por exemplo. Para além disso, na cena do bar, escutamos a canção "Resistiré", que Almodóvar utilizou em "Ata-me!". No fundo, é a minha homenagem compulsiva. Quando se gosta, gosta-se, e eu adoro essa canção.

Para a reflexão sobre o actor, recorro sobretudo a Guitry, Jovet e Rivette. São figuras das quais me nutro, sem me apropriar do seu cinema. Por ora, falo daquilo que conheço: uma actriz no cinema e no teatro. São esses quadros que me são familiares.

### **Fale-nos do seu processo de escrita.**

Escrevo o guião sozinho. Depois, como sempre, volto-me para o Xavier Giannoli, meu amigo e *script doctor*. Ele pertence à minha família de coração, e não me deixa escapar nada. Revimos todo o guião em conjunto, ele corrige-me, guia-me de maneira bastante pragmática e precisa, sem nunca interferir. Seguidamente, durante a rodagem, trabalho com a Claude Mathieu, que sempre me acompanhou. Ela pensa o actor em todos os sentidos do termo. Complementamo-nos muito bem: na mesma medida em que eu tenho o sentido do momento, a Claude é dotada de uma grande profundidade.

### **O filme termina com uma peça de teatro que é filmada como uma *mise en abyme*. Isto suscita uma perturbação para o espectador. Toda a crueldade do filme é então exacerbada.**

É sobre a violação da intimidade que se fala nessa peça. Mas o filme também nos diz que temos o direito de representar essas fragilidades, que isso pode funcionar como uma força capaz de comover os outros. Assim, podemos dar a oportunidade a pessoas "mudas" de se identificarem. Maryline começa a sua carreira de actriz debatendo-se com uma mesa durante um *casting*, e acaba... à mesa. Pelo meio, há todo um percurso. É justamente isso que me interessa: dar a ver a beleza por entre um tumulto de provações.



**IMPrensa**

***Ode à força dos fracos, à beleza dos encontros e à bondade, Maryline é um filme generoso, cheio de feridas e solavancos, à imagem da sua heroína.***

Isabelle Danel, Bande à Part

***Adeline d'Hermy empresta um charme comovente a esta princesa da miséria, triste, alegre, muda, agressiva, depressiva. Guillaume Gallienne assina um filme bizarro, irregular, retorcido, amassado, mas sensível.***

Le Figaroscope

***(...) retrato áspero e poético de uma aspirante a atriz cujos sonhos foram estilhaçados.***

Lola Sciamma, Voici

***Enquanto filme inteiramente dedicado a revelar as qualidades artísticas da sua protagonista, Maryline acaba por ser triunfante; assim que a cortina cai, é difícil não querer saber o que d'Hermy fará a seguir.***

Jordan Mintzer, Hollywood Reporter

***Guillaume Gallienne oferece-nos uma obra tocante, iluminada por Adeline D'Hermy, sua irmã na Comédie-Française (...).***

Pierre Vavasseur, Le Parisien

## FICHA ARTÍSTICA

**Adeline d’Hermy**

**Vanessa Paradis**

**Alice Pol**

**Eric Ruf**

**Xavier Beauvois**

**Lars Eidinger**

## FICHA TÉCNICA

Realização - **Guillaume Gallienne**

Argumento - **Guillaume Gallienne**

Direcção de Fotografia - **Christophe Beaucarne**

Música - **Quentin Boniface, Martin Delemazure, Christelle Lassort**

Montagem - **Valérie Daseine**

Produção - **LGM Productions**

Co-Produção - **Gaumont, France 2 Cinéma, Don’t Be Shy Productions,  
Nexus Factory, Umedia, La Banque Postale Image 10,  
A Plus Image 7, SofitVciné 4**

Com o apoio de **Canal+, Ciné+, France Télévisions, Entourage Pictures,  
Tax Shelter du Gouvernement Fédéral Belge, Investisseurs Tax Shelter**

Produtores - **Cyril Colbeau-Justin, Sidonie Dumas,  
Jean-Baptiste Dupont, Guillaume Gallienne**

Co-Produtores - **Serge de Poucques, Nadia Khamlichi,  
Adrian Politowski, Gilles Waterkeyn**

Produtor Executivo - **Yann Arnaud**